

eu.
estudante

[www.correiobrasiliense.com.br/cestudante]

Brasília, segunda-feira, 4 de julho de 2011 - CORREIO BRASILIENSE



Elefante Branco,

Ex-alunos lembram os anos dourados do mais antigo colégio de ensino médio da cidade. Os novos estudantes, por sua vez, reclamam da decadência do prédio e da falta de espaços para manifestações culturais

50 ANOS

PÁGINAS 6 A 9

Carta da editora

Preparamos uma edição caprichada, com temas diversificados e muito debate. Dando continuidade à série sobre os colégios tradicionais da cidade, contamos a história do Elefante Branco, criado sob a inspiração das ideias de Anísio Teixeira. Em pouco tempo, ele se tornou uma referência de qualidade do ensino para Brasília e o restante do país. O Elefante contribuiu decisivamente para a formação de várias gerações de brasileiros que se destacaram no campo da política, da justiça, da cultura e do jornalismo. Ela foi a primeira escola de formação técnica de Brasília. No entanto, a cidade foi atropelada pelo regime militar em 1964, e o Elefante sofreu muito com o esvaziamento calculado e a burocratização do ensino, entrando em um processo de decadência. Os alunos atuais reivindicam melhores condições compatíveis com a tradição de excelência dos primeiros tempos do colégio. Você não pode deixar de ler a matéria especial que preparamos sobre os conflitos entre professores e alunos nos colégios. Ouvimos as partes envolvidas, registramos boas histórias e recomendações para encaminhamento das divergências. No mais, conheça a turma que resiste à avalanche de inovações tecnológicas e continua a usar vitrola, câmera analógica e máquina de escrever. Boa leitura.

Fale com a gente

Dê sua opinião

(61) 3214-1124 ou
euestudante.df@dabr.com.br
Setor Gráfico, Quadra 2, nº 340
CEP 70610-901 - Brasília-DF

Assinatura

3342-1111

Publicidade

(atendimento comercial)
3214-1240

Comentários postados

www.correiobraziliense.com.br/euestudante

Quando as mãos não dizem tudo: Pesquisadores da UnB identificam as limitações do ensino de ciências para deficientes por meio da Libras e do sistema braille

Parabéns pela reportagem jornalística de qualidade. A população precisa tomar conhecimento da "inclusão" que é feita no Brasil. Ouvir os "inuídos" é a única forma de levantar o tapete e varrer o lixo. Agradeço porque eu esperava uma grande notícia como essa para fundamentar a inclusão real e assim ajudar esses alunos a obter o que realmente necessitam e têm garantido por lei. A notícia dessa pesquisa é excelente. Parabéns!

Julia Virginia de Moura

Bacharéis em direito realizam manifestação contra o Exame da OAB em 28 de junho

Também sou bacharel em direito, mas não sou a favor da extinção da prova da OAB, tendo em vista a banalização do curso. Acredito que uma prova menos rigorosa, com a finalidade de avaliar os conhecimentos do bacharel, possa surtir mais efeito.

Ticiane Lima Cavalcante

Essa prova já é considerada o maior absurdo. Está na hora de uma intervenção do STF, caso contrário, vamos marchar para uma tirania sem fim. Ainda por cima, a OAB insiste na reserva de mercado e em ser detentora desse milionário exame. Respeitem a Constituição Federal e deixem os bacharéis trabalhar.

André

No Twitter

Estudantes criam novos projetos para o centro de Brasília

Ideias muito bacanas!

Guilherme Fonseca (@GuiAFonseca)

Estudante de baixa renda poderá ter cota em universidades federais

Ai sim! Apoiado!

Rodrigo (@rodrigossantos)



Siga as últimas notícias do Euestudante no Twitter

<http://twitter.com/euestudante>

Expediente

DIÁRIOS ASSOCIADOS **DA**

Diretor de Redação: Josemar Gimenez (jgimenez.df@dabr.com.br) **Editora-chefe:** Ana Dubeux (anadubeux.df@dabr.com.br) **Editor executivo:** Carlos Alexandre (carlosalexandre.df@dabr.com.br) **Editora:** Ana Sá (anas.df@dabr.com.br) **Editor de Arte:** João Bosco Adelino de Almeida (joabosco.df@dabr.com.br) **Editor de fotografia:** Luís Tajés (luisstajes.df@dabr.com.br) **Diagramação:** Valdson Messias (valdsommessias.df@dabr.com.br) **Foto da capa:** Carlos Silva/CB/DA Press

O que faz o controlador?

Saiba mais sobre esse profissional, responsável pela gestão econômica do sistema da empresa

RAYANNE PORTUGAL

Dentro das médias e grandes empresas, existe um profissional que detém uma grande responsabilidade de analisar e planejar sobre as finanças, lucros e investimentos de uma corporação. Em um cargo de extrema confiança, normalmente ligado diretamente à diretoria das empresas, o controlador é que está por trás da parte criativa para estabelecer projetos para a melhor aplicação do capital do empreendimento onde trabalha.

Atualmente, o profissional mais requisitado para exercer a função de controlador dentro de uma organização é contabilista. Também poderá atuar nesta área o administrador e o economista que tenham experiências na área contábil e de gestão de finanças. No entanto, por serem cargos de muita responsabilidade e, muitas vezes de chefia, quem visa a carreira de controladoria deve se preparar, buscando especializações, experiência profissional ou pós-graduações na área, afim de aprimorar os conhecimentos na área.

"Ingressar em um curso de graduação específico, com foco na controladoria, pode ser interessante para quem, desde cedo, sonha com o planejamento financeiro para grandes empresas", explica José Antônio França, professor do Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Universidade de Brasília. Na UnB não há cursos específicos para formação de controladores. As graduações específicas podem ser encontradas apenas em Minas Gerais, São Paulo e Bahia. "Mesmo quem faz o curso regular de contabilidade tem a capacidade de pleitear vagas no mercado de trabalho para se especializar na área. Ou fazer uma pós-graduação aqui em Brasília, na UnB por exemplo", explica o professor França.

Os cursos de controladoria, seja os de graduação ou de pós, possuem formação ampla, com carga significativa de disciplinas de matemática, estatística, finanças, economia, administração de empresas e até do direito. Essa amplitude de temas e possibilidades foi o que chamou a atenção da estudante Paula Cursio de Almeida, 23 anos, que cursa economia empresarial e controladoria na Universidade de São Paulo (USP). "Acho interessante o fato do curso

Arquivo Pessoal



Paula Cursio Almeida, 23 anos: "O foco do controlador são as grandes empresas, as multinacionais"

agregar as áreas básicas e teóricas da contabilidade com a parte crítica, que estimula a percepção e criatividade do profissional", conta. A estudante almeja se especializar para, no futuro, atuar como controladora. "Sei que os estudos devem ser pesados. O foco do controlador são as grandes empresas, as multinacionais. Tenho me preparado para isso", conta.

Segundo especialistas, faltam profissionais no mercado de trabalho. Ele é indispensável nas empresas ao se levar em conta o desenvolvimento econômico mundial, ainda em expansão. Empresas e investidores operam em diversos mercados simultaneamente. É nesse ambiente que o controlador será necessário. Humberto Adão de Castro, professor do curso de controladoria e finanças do Ibmecc, explica que por muitos anos o controlador foi encarado apenas como um prestador de serviços. "Hoje, esse profissional deixou de ser apenas o gerenciador dos livros de registro para se tornar um gerenciador de ideias, de oportunidades para o futuro. No entanto, ainda falta para os estudantes compreender essa mudança do mercado e valorizar a carreira", explica Adão.

AS FUNÇÕES

- Representa o órgão responsável pela gestão econômica e financeira de uma organização, um instrumento de mensuração e orientação na busca por resultados.
- O controlador (ou controller, em inglês) é responsável pela gestão econômica do sistema da empresa. Ele oferece apoio a todos os gestores das atividades empresariais. Atua diretamente na construção e monitoramento de um sistema de informação que auxilie as chefias em todo o processo de gestão.
- Atualmente, o profissional mais requisitado para exercer a função de controlador dentro de uma organização é o de contabilista. Também poderá atuar nessa área o administrador e o economista que tenham experiências na área contábil e de gestão de finanças.

ONDE ESTUDAR

Confira algumas instituições que oferecem cursos de graduação e especialização para a formação do controlador

NO DF

Universidade de Brasília

- Graduação em contabilidade
- Pós-graduação em contabilidade e controladoria

Centro Universitário Planalto do DF (Uniplan)

- Curso tecnológico em gestão empresarial e controladoria

Ibmecc

- Pós-graduação em controladoria e finanças

EM OUTROS ESTADOS

Bacharelados

Faculdade Amec Trabuço (Bahia)

- Administração — Controladoria

Universidade Federal de Minas Gerais

- Controladoria e finanças

Universidade de São Paulo

- Economia empresarial e controladoria

Pós-graduação e especialização

Faculdades Integradas de Bauru (São Paulo)

- Auditoria, controladoria e finanças

Universidade Bandeirante de São Paulo

- Controladoria

Centro Universitário Barão de Mauá (São Paulo)

- Curso superior de formação específica em controladoria e finanças

Instituto de Ensino Superior Santo André (São Paulo)

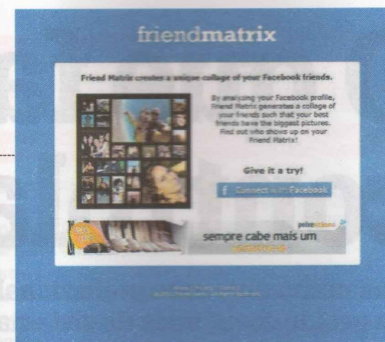
- Gestão financeira e controladoria empresarial

Diversão fantástica

Para quem gosta de literatura fantástica, uma boa pedida para ficar atualizado nesse universo é a www.revistafantastica.com.br. A revista eletrônica traz notícias sobre literatura e o mercado editorial, além de cinema, quadrinhos, séries de TV e animês. O mais legal é que, entre Stephenie Meyers, de *Crepúsculo*, e George R. R. Martin, do megasucesso *Game of Thrones*, a revista dá a maior força para os autores nacionais de literatura fantástica, como André Vianco. A *Revista Fantástica* também pode ser baixada em PDF e tem vários podcasts legais para ouvir no site.



Fotos: Reprodução da Internet/Divulgação



Agora, se você resolveu ser mais bonzinho com os seus colegas e não colocar um bigode de Chuck Norris na foto do seu melhor amigo, um aplicativo bem legal para o Facebook é o friendmatrix.com. Ele estuda seu perfil e faz uma colagem das melhores fotos de seus amigos na rede social, dando mais destaque para quem você entra mais em contato. Depois é só publicar a colagem no seu perfil e virar o queridinho dos seus amigos.

Quer saber o que vai acontecer com Dexter (ou seja, quem vai cruzar seu caminho pela primeira e última vez) na próxima temporada da série? Então, dê uma olhadinha no blog tudoestazodando.blogspot.com, cheio de novidades sobre séries de TV, games, vídeos virais na internet e muita cultura pop. Dica: não perca um cara que toca 52 músicas do Nirvana em 8 minutos e os novos tênis do game *Super Mario*.



Gostosuras com cultura

Blog de receitas é o que não falta por aí. Mas, além de trazer gostosuras quase diárias (com fotos bem-cuidadas e que dão aquela fome mesmo se você acabou de voltar do almoço e ficou



*Vem aí a Copa do Mundo,
vêm aí os Jogos Olímpicos,
vêm aí anos de
desenvolvimento
e oportunidades.*

GRADUAÇÃO – BACHARELADO

Administração
Ciência da Computação
Comunicação Social – Cinema e Mídias Digitais
Comunicação Social – Jornalismo
Comunicação Social – Publicidade e Propaganda
Direito
Engenharia Civil **NOVO**
Engenharia da Computação
Engenharia Elétrica – Telecomunicações
Psicologia
Relações Internacionais
Secretariado Executivo
Turismo

GRADUAÇÃO – TECNOLÓGICA

Design de Interiores
Design de Moda
Estética e Cosmética
Fotografia
Gastronomia
Gestão Comercial
Gestão da Qualidade
Gestão de Eventos
Gestão de Recursos Humanos
Gestão Financeira
Gestão Hospitalar
Gestão Pública
Jogos Digitais
Logística
Material de Construção
Produção de Vestuário
Redes de Computadores
Segurança da Informação
Sistema de Telecomunicações

LICENCIATURA

Pedagogia

PÓS-GRADUAÇÃO PRESENCIAL

- Design • Direito • Negócios
- Psicologia • Tecnologia

PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA

- Docência na Educação Superior
- Educação Inclusiva • Educação Infantil
- Psicopedagogia

Vem aí você.

IESB. A faculdade ideal para preparar
você para esse futuro, hoje.

Novo Campus Águas Claras



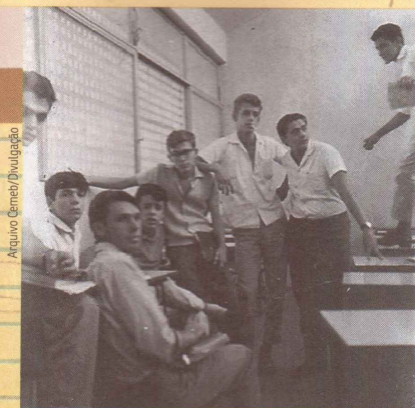
WWW.IESB.BR
3340-3747



Campus Edson Machado – SGAS, quadra 613/614 – L2 Sul
Campus Giovanina Rimoli – SGAN, quadra 609 – L2 Norte
Campus Liliene Barbosa – QNN 31 – Ceilândia Norte
Campus Águas Claras – Rua 14 Sul, lote 6 – Águas Claras

O mais antigo

O Centro de Ensino Médio Elefante Branco foi a primeira escola de formação técnica e de ensino médio de Brasília



Turma de Honestino Guimarães (de óculos), estudante desaparecido nos calabouços da ditadura militar

RAYANNE PORTUGAL

Enquanto a nova Brasília era erguida — em base de concreto e ideais — pelas mãos habilidosas de trabalhadores e intelectuais vindos de todas as partes do país, a educação florescia rapidamente para oferecer ensino de excelência aos jovens que vinham povoar a nova capital com suas ideias revolucionárias. Em 1961, ainda não se poderia imaginar a grandeza desse investimento, feito nos modelos educacionais trazidos por Anísio Teixeira. Em pouco menos de cinco anos, as primeiras escolas do Distrito Federal já eram consideradas exemplo a ser seguido pelo país afora. Um sonho construído em pleno descampado no cerrado do Planalto Central. Era o

Centro de Ensino Médio Elefante Branco (Cemeb), a primeira escola de formação técnica e de ensino médio, nascida tímida em 22 de abril daquele primeiro ano brasileiro. Em pouco mais de 50 anos de história, o Elefante — como é carinhosamente chamado por alunos e professores que por lá passaram — já formou grandes nomes da política, da justiça e das artes, além de pensadores em busca de um futuro melhor para o povo candango.

O Elefante Branco foi criado um pouco antes, em 1960, junto com a Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (Caseb) do Ministério da Educação. No início, o colégio funcionava nas dependências atuais do Centro de Ensino Fundamental da Caseb, localizado

na 910 Sul. A transferência da escola para o local definitivo, na 907 Sul, aconteceu somente no ano seguinte, sob a grande ansiedade de alunos e servidores. "Fui do Caseb para o Elefante, aluno da primeira turma do curso científico. Posso afirmar que vivi de perto os melhores anos daquela escola", lembra Cláudio Lemos Fonteles, 64 anos, ex-procurador-geral da República e professor há 45 anos. Dos tempos mais vivos do colégio aos dias de hoje, o Elefante Branco acumulou muita experiência, histórias e conquistas.

Espaço para intelectuais

Para aquela geração, a criação de um colégio sob os conceitos da Escola

Nova — teoria que privilegiava o desenvolvimento intelectual e do pensamento crítico em detrimento da memorização — viria para revolucionar a educação. A estrutura se assemelhava ao ambiente universitário. Os alunos contavam com matérias optativas, departamentos, laboratórios equipados para as aulas de física, química e biologia, cursos técnicos de engenharia, eletrônica, contabilidade e outros, extintos no início dos anos 2000. "A filosofia na escola era importantíssima", lembra Cláudio Fonteles. "Tínhamos as aulas tradicionais pela manhã e à tarde voltávamos para estudar nos clubes de teatro, de poesia, no jornal da escola. Era um espaço de incentivo à reflexão, em que os professores eram

Palco da resistência

Durante os anos de comando militar, os corredores do Elefante Branco viram nascer os gritos da revolução estudantil. "Mesmo antes da chegada do golpe de 64, os alunos estavam unidos para reivindicar direitos", lembra Cláudio Fonteles, membro do primeiro grupo político da escola, o Ação Popular. "A fama do Elefante fez com que um general da época afirmasse, durante um discurso, que havia no mundo três lugares de concentração do comunismo: a Rússia, Cuba e o Elefante Branco, também apelidado do 'Elefante Vermelho'", diz.

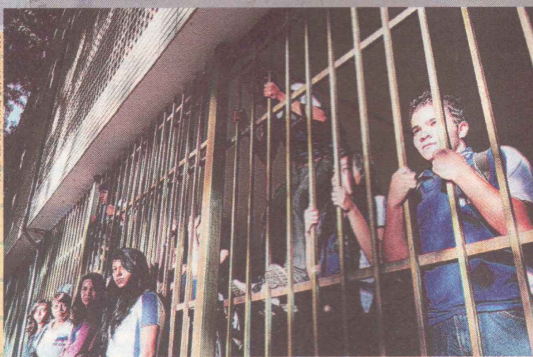
Com a tomada do poder pelos militares, a política estudantil eferveceu ainda mais. Liderados pelo Grêmio Estudantil do Colégio Elefante Branco (Gecem), os alunos saíram às ruas. "Não era raro ver adolescentes de 15 ou 16 anos serem presos e interrogados como criminosos", conta o jornalista e historiador Jarbas Silva Marques, uma das vítimas da tortura militar, anos depois. Líderes do Grêmio entre 1964 e 1967, os jornalistas Ronaldo Martins Junqueira e Marco Aurélio Nunes Pereira responderam juntos a dois Inquéritos Policiais Militares (IPM). Eles tinham apenas 17 anos. "Vivemos tempos extraordinários", diz Marco Aurélio. "O colégio era uma verdadeira cidade e o Grêmio precisava atuar à frente dos alunos. Nossos jornais eram sempre os mais discutidos e nossas manifestações, praticamente diárias, mobilizavam toda uma geração", afirma Ronaldo Junqueira.

O novo grêmio estudantil leva o nome de Honestino Guimarães. Atuentes em manifestações políticas de grande porte, como a busca pela aprovação do Passe Livre e a campanha Fora Ardua, os estudantes buscaram revitalizar o movimento estudantil. "Em respeito aos nossos direitos e aos movimentos que aqui nasceram, os estudantes do Elefante Branco não podem parar", afirma Patrícia Matos, 17 anos, presidente do Grêmio Estudantil Honestino Guimarães.

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D'A Press



Fotos: Carlos Silva/CB/D'A Press



Os largos corredores ficaram na memória afetiva dos ex-alunos. Agora, o prédio tem grades e os estudantes reclamam da falta de espaço para as manifestações culturais

Esperança no futuro

O Elefante Branco garantiu nota 547,74 no último exame, em 2009, 126 pontos a menos que o primeiro colocado no ranking, o Colégio Militar de Brasília. Em 2006, a escola chegou a ficar em 11º no ranking dos melhores desempenhos entre as escolas públicas do DF.

"Temos excelentes professores aqui", afirma Mateus de Almeida Ciqueira, 16 anos. "Temos muito para melhorar, e os alunos sabem disso. A maioria aqui é interessada em estudar e acho que esse é o primeiro passo para tentar fazer a escola parecida com os tempos de antes", diz. Para o jovem Edson Carlos Foro, 16, falta espaço para a expressão cultural dos estudantes. "Acho que podemos fazer muito mais do que fazemos hoje. Os alunos querem ter teatro, música, poder explorar mais isso", afirma.

"Se há muito o que mudar? Claro que sim", afirmam as amigas Ana Luíza de Oliveira e Clara Elisa Nunes, ambas de 15 anos. "Acho que todo mundo desanima de ver uma escola assim, abandonada", diz Clara. "Mas eu tenho esperanças, sabe?", comenta Ana. "Acho que podemos mudar nosso futuro com um pouco de dedicação e cobrando mais nossos direitos. Desejo isso para a minha escola", finaliza.

Marco Aurélio (E) e Ronaldo Junqueira viveram bons tempos no Elefante Branco

Rafael Oliveira/CB/D'A Press



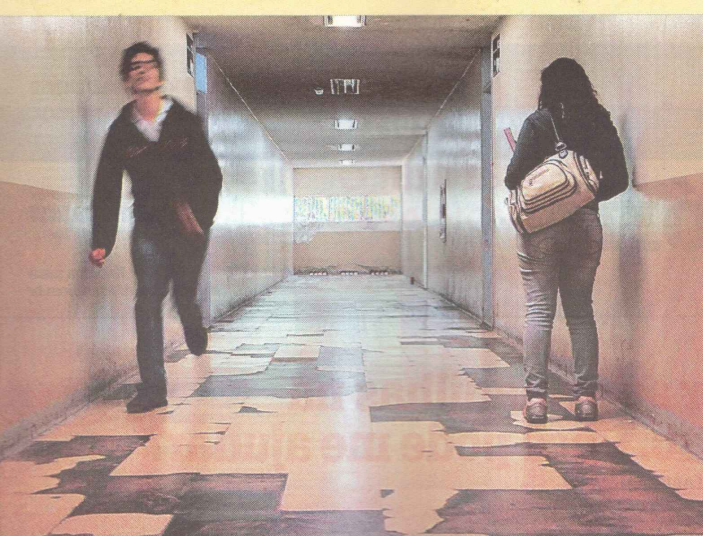


Foto: Marcelo Ferreira/CB/OA Press

“Muito pouco se parece com o Elefante em que estudei”

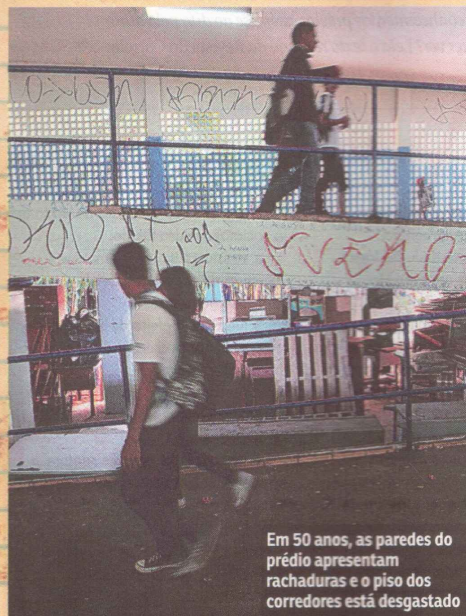
— O colégio era cheio de pequenas surpresas para os olhos curiosos de um jovem como eu, conta Cláudio Villar Queiroz, arquiteto e professor da UnB, que estudou na escola de 1964 a 1967. “Lembro-me com carinho das grandes rampas, nos dois extremos laterais da escola. As pessoas subiam aquelas entradas com alegria”, conta. O desenho

arrojado levava os corredores por grandes aquários, espaços descobertos nos andares superiores, onde os alunos podiam conversar, passar o tempo entre as aulas.

Era uma novidade para Brasília ter uma escola construída com corredores largos, salas com iluminação natural. “Hoje, há tapumes em algumas salas, impedindo que a luz entre. A estrutura predial não é a mesma. Lamentavelmente, o colégio está em estado decadente”, analisa. Para o arquiteto, seria fundamental uma restauração para preservar o valor da edificação. “Esse prédio faz parte da história de Brasília”, diz.

A devastação está à vista nas rachaduras, no chão descolado, em paredes descascadas. Em 50 anos, nunca houve uma grande intervenção estrutural para o ensino prático de física e química. “Me causou tamanho estranhamento, uma tristeza, ver a escola, anos depois, cercada de grades, tão deprimida e isolada. Em muito pouco se parece com o Elefante em que estudei”, lembra Cláudio Fonteles.

A instituição, que já chegou a receber 5 mil estudantes nos três turnos, hoje divide espaço com Centro Interescolar de Línguas (CIL). “Estamos partidos ao meio. Não podemos abrir novas vagas, assim como o CIL, escola tão importante para Brasília”, afirma José Luiz Mazzaro. “Os professores veem seu esforço resumido ao que damos conta de fazer. Aqui há mestres e doutores que não têm onde lecionar. Não é só uma questão de tecnologias. Faltam um teatro, quadras de esporte e salas próprias. Nosso cineclube foi construído em improviso, pintado com tinta e pincéis arrecadados pelos professores”, conta o educador.



Em 50 anos, as paredes do prédio apresentam rachaduras e o piso dos corredores está desgastado

A história por trás do nome

Há mais de uma versão sobre a criação do nome do centro de ensino médio. Uma delas, adotada por ex-alunos e professores da época, conta que uma funcionária do Ministério da Educação, membro da comissão do Caseb, teria dito, durante uma vistoria, que o “elefante não ficaria pronto” a tempo, referindo-se ao tamanho da obra. A citação teria “pegado” entre os alunos, ansiosos pela finalização da nova escola. Em um depoimento levantado para o livro *Nas asas de Brasília — Memórias de uma utopia educativa*, organizado pela

escritora Eva Vlaisros, uma ex-professora conta que os jovens ficaram preocupados: “Ele era branco. A gente via aquilo ali. ‘Ih, o ‘elefante branco’ não vai ficar pronto!’ Me lembro bem, é isso: ‘elefante branco’ porque era aquela coisa que não terminava, uma coisa que todo mundo queria, mas que só ficava no desejo.” Outra história para a origem do nome afirma que o desenho da planta baixa do colégio teria sido a grande inspiração para o nome. Quando visto de cima, seu traço lembra o formato de um elefante. De acordo com registros da instituição, esse desenho fez com que engenheiros e arquitetos apelidassem as futuras instalações de elefante. Logo após a inauguração, a cor marfim do prédio contribuiu com a incorporação do nome à designação oficial da escola.

A MAIOR UNIVERSIDADE EM ENSINO
A DISTÂNCIA DO BRASIL

✓ AULA PRESENCIAL UMA VEZ POR SEMANA
✓ MATERIAL DIDÁTICO GRATUITO

AGENDE JÁ SUA PROVA
INSCRIÇÕES: ATÉ 17 DE JULHO

O MERCADO BUSCA SEMPRE
OS MELHORES.
SEJA UM DELES.
VESTIBULAR AGENDADO
UNOPAR VIRTUAL.

MESESALIDADES
A partir de R\$ 172,00
* Para Domicílio 100% Superior



UNOPAR
VIRTUAL

3262.2000
www.unoparvf.com.br

POLOS: BRASÍLIA - TAGUATINGA - GAMA - SAMAMBAIA - LUZÂNIA



O IESB ESTÁ DE
CASA NOVA. CASA NOVA É

ÁGUAS CLARAS.

E, EM BREVE, MUITA
GENTE TAMBÉM
VAI ESTAR.

VESTIBULAR

Previsão de um

INSCRIÇÕES ATÉ

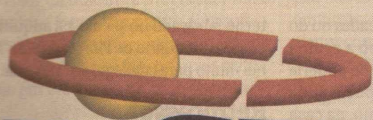
PROVA 23

O UniCEUB é um dos
três melhores centros
universitários **do Brasil.**

O UniCEUB é participante do **FIES.**

DE INVERNO
futuro brilhante

É 21 DE JULHO
DE JULHO



UnICEUB

www.uniceub.br



Marcelo Ferreira/D.A Press

Zuleika de Souza/CB/D.A Press



Artur Cavalcanti, 19 anos, exhibe a vitrola: presente da avó



Artur Lavenere, 23 anos, consulta as horas em um velho relógio de bolso e usa máquina de escrever

sempre volta com mais exemplares de suas idas a São Paulo.

O último achado de Cavalcanti foi um músico francês chamado Jean Jacques Perrey. "Encontrei um disco dele por

R\$ 1 numa loja de Brasília, nem sabia quem era. Curti muito", relata. "Acontece muito disso: você acha a capa legal, compra e acaba gostando." Ele também baixa muitas músicas pela internet, mas diz que há "coisas mais antigas" que só encontra em vinil. "Além disso, a qualidade do som é melhor. O vinil tem mais varie-

Há cerca de um ano, ganhou da mãe uma Canon AE-1, máquina fabricada entre as décadas de 1970 e 1980. As primeiras experiências do rapaz de 15 anos com o objeto foram meio desajeitadas. Até que ele decidiu se matricular em um curso de fotografia e, então, apaixonou-se pelo instrumento. Atualmente, tem seis câmeras analógicas, todas bem conservadas.

"Ao usar uma analógica, você tem que pensar muito mais em como fará a foto. O rolo tem, no máximo, 36 poses, e você não pode simplesmente queimá-las. Tem

de resultados imediatos", compara.

O adolescente também gosta do tempo de espera entre o clique e a revelação do filme. "Essa expectativa é uma emoção diferente. Na digital você vê as imagens na hora." Uma vez, o jovem ensaiou revelar em casa as próprias fotos: esperou anoitecer, trancou-se no banheiro, isolou o ambiente para deixá-lo às escurezas e viu as imagens surgirem no papel mergulhado na mistura de água e produtos químicos. Lucas é um ferrenho

produzidas há três décadas. Recentemente, comprou três Lomos, marca russa que data do início dos anos 1980 e voltou a ser fabricada na década passada. Custa de R\$ 150 a R\$ 300 e virou uma nova febre por permitir diferentes efeitos às fotos, como vazamento de luz e distorção da cor. "A imagem da analógica é mais bonita que a da digital, parece ter mais carga emocional", comenta.

Rafaela reclama da dificuldade em manter os equipamentos em bom estado de funcionamento. "É preciso ter cuidado com a limpeza e a conservação dos equipamentos", diz.

Jim Morrison não está aqui

O líder dos Doors, morto há 40 anos, apresentou o rock à poesia e ao xamanismo

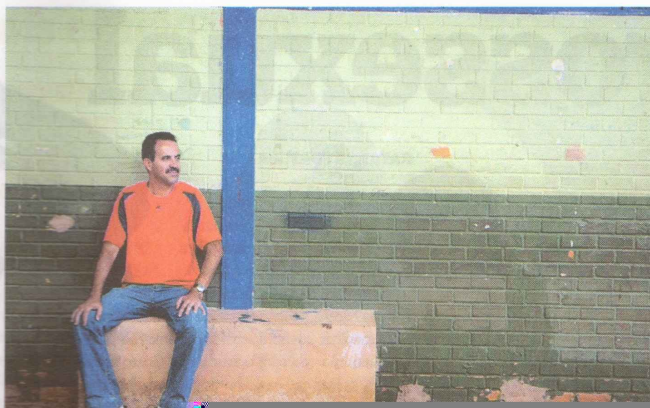
Daris é famosa pelas belas pontes e ricos museus. Paris também é sua maneira. Nunca mais seria o mesmo. Anos mais tarde, quando sua banda







Medo, nós sempre temos, mas não adianta pensar no próximo problema que pode acontecer — o próximo aluno drogado, a próxima briga ou xingamento. Temos que nos esforçar por aqueles que ainda acreditam nos estudos, no nosso carinho e dedicação"



MEMÓRIA

Violência na mídia

Em maio, um jovem de Curitiba foi preso por agredir verbalmente o vice-diretor da escola de ensino médio onde estuda: Adalto da Cruz da Luz, de 20 anos, é aluno do 2º ano do ensino médio de uma escola pública e xingou diversas vezes Clédison Gama, que afirma ter tentado dialogar com o estudante. No mesmo dia, uma outra dis-

Coisas sem as quais eu não vivo

Vade mecum
É meu principal instrumento de trabalho, para tudo o que faço na faculdade e no estágio. Preciso recorrer a ele diariamente.



Perfume
Não me sinto bem saindo de casa sem perfume. Meu preferido é o Obsession, da Calvin Klein.



Metrossexual

Rafael Henrique Pereira, 22 anos, aluno do curso de direito do Iesh

RAYANNE PORTUGAL

Aquele cuidado todo especial com a imagem nunca é demais, não é verdade? Para Rafael, a vaidade não é uma obrigação. Pelo contrário! Escolher uma roupa bacana, andar perfumado e caprichar na hora de escolher um bom acessório é uma rotina supernormal para o estudante. "Gosto de me cuidar, não passo horas para escolher uma roupa, mas também não saio de casa de qualquer jeito. Acho que até para ser vaidoso há limites saudáveis", conta. Para ele, algumas manias comuns dos metrossexuais são demais para sua rotina. "Depilação e fazer as unhas? Isso não é para mim. Nem tenho tempo para me preocupar com isso. Por outro lado, eu mantinha o cabelo sempre com penteado diferente, moicanos e topetes, na época em que ele era maior", afirma. O cuidado com a aparência acabou por se tornar um aliado inclusive. O rapaz, que decidiu seguir a carreira jurídica e faz estágio no Superior Tribunal de Justiça (STJ), precisa andar sempre muito bem arrumado, armado principalmente com seu terno.

No tempo que passa longe do trabalho, Rafael deixa de lado o perfil sério e adota o estilo esportivo das camisetas polo, ou quem sabe, um ar mais top das camisas de linha — de preferência, com gola em V, que deixa os ombros mais evidentes. Para esbanjar o porte altivo, um belo par de óculos escuros dá o toque misterioso ao rosto do rapaz. "Não sei sair de casa sem meus óculos. Já faz parte da roupa", conta Rafael.

Com o ritmo corrido, dividido entre aulas na faculdade de direito, estágio e grupos de estudo de preparo para a prova da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Rafael gosta de curtir o tempo livre com a namorada ou treinando no time de futebol americano de Brasília. "Não sobra muito tempo livre durante a semana, então tento aproveitar para relaxar e me exercitar", comenta. Outra prática diária de Rafael para relaxar é recorrer à religião. Judeu, ele sempre recorre às leituras da Bíblia Hebraica e faz suas três orações diárias: ao acordar, no meio da tarde e na hora de dormir. "É um alívio, uma forma de encontrar Deus durante o dia", diz.



Óculos

Não tem como não sair sem óculos escuros com o sol em Brasília. Para ler, óculos de grau é indispensável



Barbeador

A formalidade do trabalho exige que eu esteja sempre muito bem barbeado.



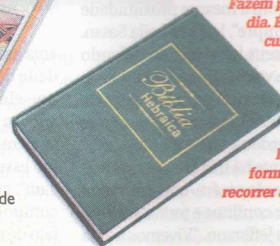
Kipá

Uso nos momentos de oração e às refeições, assim como no Shabat, o dia de descanso semanal dos judeus. É quanto nos resguardamos das atividades laborais, do pôr do sol de sexta ao pôr do sol de sábado.



Livros

Fazem parte do meu dia a dia. É uma questão cultural e de gerações na minha família. Quando acho necessário, recorro às leituras, uma forma de também recorrer a Deus.



Livros, CDs, filmes, DVDs

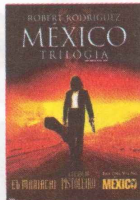
A vida na fronteira

Robert Rodriguez surgiu para o mundo com um filme feito no fundo do quintal. Ou quase. *El mariachi*, de 1992, teria custado sete mil dólares. Foi rodado em 16mm nas estradas do Texas e do México, a céu aberto, com elenco de desconhecidos e equipe técnica mínima. Peritos da indústria alegam que essa história de “sete mil dólares” é balela. Marquetagem de Rodriguez para chamar a atenção. O filme teria custado bem mais do que isso... Mas quem se importa? O texano já tinha conseguido o que queria: meter o pé na porta de Hollywood. Logo se tornaria parceiro de Quentin Tarantino, com quem compartilha a paixão por fajutos & charmosos filmes B de belas mulheres e desmedida violência. Nestas últimas décadas, o diretor Robert Rodriguez assinou uma obra-prima (*Sin city*, 2005, com o desenhista Frank Miller) e intercalou uma milionária série infantojuvenil (*Pequenos espões* está no quarto filme) com joias da ultraviolência e do humor negro — como *Machete* (2010). É a singela história de um ex-policia federal mexicano (o casca grossa Danny Trejo), que agora vive na marginalidade, e se vê envolvido no esquema de tráfico de um corrupto senador norte-americano (o genial Robert De Niro) que planeja dominar a fronteira entre os dois países. A palavra “machete” quer dizer “facão” em espanhol. E aqui nosso herói se fiará em sua peixeira para botar ordem na bagaça. *Machete*, o filme, passou batido pelos cinemas brasileiros, mas está disponível em blu-ray e acaba ser lançado em DVD. Também em DVD, temos a famigerada “trilogia mexicana” de Rodriguez... Além de *El mariachi*, a caixinha traz *A balada do pistoleiro* (1995) e *Era uma vez no México* (2003). Eis a mais pura diversão, com tiros de festim e sangue de groselha.

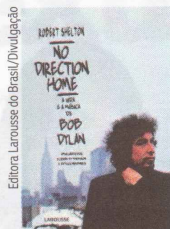
MACHETE

Direção de Robert Rodriguez. Com Danny Trejo e Robert De Niro. Sony Pictures. Preço médio: R\$ 40.

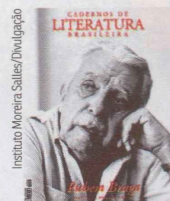
MÉXICO, A TRILOGIA



Fotos: Sony Pictures/Divulgação



Editora Larousse do Brasil/Divulgação



Instituto Moreira Salles/Divulgação

A invenção da juventude

Robert Allen Zimmerman, o homem há cinco décadas conhecido como Bob Dylan, foi um dos protagonistas da grande aventura pop chamada século 20. A coincidir com as homenagens aos 70 anos de Zimmerman, festejados em maio, foi republicada no exterior uma de suas mais alentadas biografias: *No direction home*, do jornalista Robert Shelton. Original de 1986, o calhamaço sai agora no Brasil pela primeira vez. Para se ter uma ideia da importância desse texto nos dias, digamos, “estudos dylanianos”, diga-se que o livro emprestou seu título — e serviu de baliza — para o documentário que Martin Scorsese fez em 2007. Por estas bandas, a obra de Shelton incrementa as prateleiras que já contam com *Dylan* (2001), biografia escrita por Howard Sounes, e *Like a rolling stone* (2005), de Greil Marcus. Em comum, esses três trabalhos partem da personalidade de Dylan e acabam por fazer um amplo painel de certa juventude.

NO DIRECTION HOME – A VIDA E A MÚSICA DE BOB DYLAN

De Robert Shelton. Editora Larousse do Brasil. 768 páginas. Preço: R\$ 99.

Rubem Braga, o mestre

Pode-se dizer sem erro que Rubem Braga inventou uma nova maneira de escrever em jornais e revistas. Porque, se não foi propriamente ele quem a inventou, de certo foi Rubem Braga quem tornou célebre este diferente jeito de se comunicar contigo, prezado leitor, dando uma volta na sisudez e na formalidade dos antigos jornalões. Ele já tinha sido correspondente do *Diário carioca* na Segunda Guerra (1939-1945) e frequentara as prisões do Estado Novo (1937-1945) quando se tornou um escritor conhecido e respeitado nacionalmente não por conta de romances ou poemas, mas por escrever crônicas diárias. Braga emprestou dimensão artística à imprensa. E trouxe para o jornal centelhas da vida, pequenos baratos de cada dia. Rubem Braga (1913-1990) é o tema da mais recente edição dos *Cadernos de literatura brasileira*. Nesste volume, textos do autor; as impressões de quem conviveu com ele e um ensaio de Sérgio Augusto a situá-lo na crônica nacional (de Machado a Nelson Rodrigues).

BOLSA DE CDs

QUEEN OF DENMARK

John Grant

Bella Union (importado). Preço médio: R\$ 60.

Líder da banda The Czars, o americano John Grant experimentou certa fama cult na década passada. Esse é seu primeiro disco solo. Levadas basicamente ao piano, suas músicas ganham arranjos precisos e orgulhariam as dãs inglesas Elton John e David Bowie. Aqui e ali, Grant trisca o pop perfeito — e acerta o alvo em Sigourney Weaver.

SIMON WERNER A DISPARU

Sonic Youth

Sonic Youth Recordings (importado). Preço médio: R\$ 60.

Os cinquentões do Sonic Youth dominam as melodias pop e o jazz experimental. Seus trabalhos, portanto, vão do assosiável ao perturbador. A rigor, esta trilha para um filme do francês Fabrice Gobert pertence à segunda categoria. Mas nada é assim tão simples — e você encontra momentos de raro lirismo em meio ao terremoto sônico.

DEMOLISHED THOUGHTS

Thurston Moore

Matador Records (importado). Preço médio: R\$ 60.

Mentor do Sonic Youth há exatos 30 anos, Thurston Moore às vezes lança trabalhos (ainda mais) pessoais. Esse foi produzido pelo amigo Beck. Aqui ele se dá uma folga das dissonâncias elétricas de sua banda e faz sessões acústicas, chegando a um folk psicodélico e onírico. O resultado ao mesmo tempo surpreende e faz todo o sentido.

IN SESSION

Albert King e Stevie Ray Vaughan

Stax Records (importado). Preço médio: R\$ 60.

O lendário Albert King (1923-1992) serviu de padrinho para Stevie Ray Vaughan (1954-1990) nesse encontro de 1983, feliz iniciativa da tevê canadense. Os exímios guitarristas trocam entre si um blues faiscante e muitos improvisos. Disponível ainda em antiga edição

Você é o crítico

Hamlet, de Emma Vieceli

Romeu e Julieta, de Sonia Leong

Coleção Mangá Shakespeare

Editora Metro Media Ltd.

R\$ 24,90

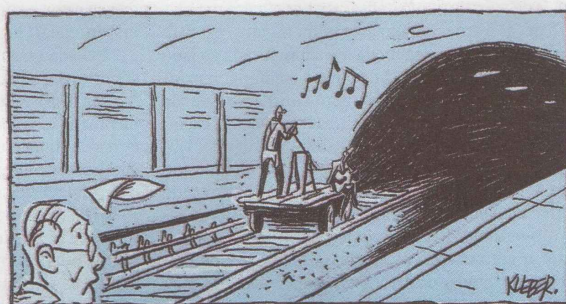
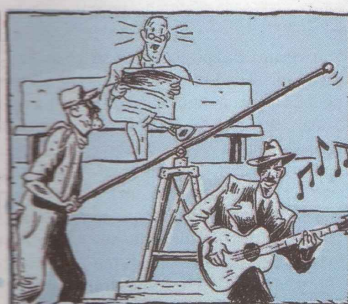
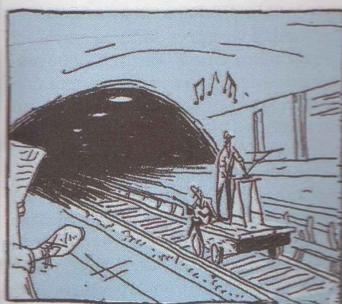
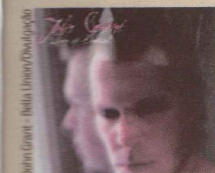
Adauto Cruz/CB/D.A Press

Os livros são versões das famosas peças, tantas vezes encenadas, do escritor e dramaturgo inglês William Shakespeare. Assim como o original, *Hamlet* se passa na Dinamarca. Porém, dessa vez o ano é 2107. A Terra foi devastada por mudanças climáticas e o príncipe Hamlet vive em um mundo cibernetico sob constante ameaça de guerra, tendo a Dinamarca que se defender dos vizinhos. Já *Romeu e Julieta* não tem a pegada futurística de *Hamlet*. A história se passa nos dias de hoje, em Tóquio, onde os Montecchio e os Capuleto são famílias inimigas na Yakuza, a máfia japonesa. Em ambos os mangás, os textos e os personagens são os originais, com a intenção de manter a essência de Shakespeare.

Estas obras fazem parte de uma coleção de 14 livros lançada em 2007 nos Estados Unidos que somente esse ano chegou às prateleiras do Brasil. Tanto as ilustrações quanto a tradução foram incrivelmente bem feitas por duas profissionais premiadas, as ilustradoras Emma Vieceli e Sonia Leong. O fato de ser mangá torna a leitura mais atraente, especialmente para os que se intimidam pelo fato de serem obras clássicas.

Apesar de adaptado, o texto não é de fácil leitura, pois ainda conserva o linguajar shakespeariano. Além disso, por ser em quadrinhos, não tem capítulos, cenas ou atos, o que torna a leitura um tanto cansativa. O mangá alia diversão à dinâmica de uma história em quadrinhos com todo o conteúdo de uma obra clássica atemporal.

» **Clara Rodrigues Brito,**
aluna do ensino médio no Dinatos COC.



Nasce uma estrela

A estudante Camila Evangelista, 23 anos, brilha na companhia dos Irmãos Guimarães



Adauto Cruz/CB/D.A. Press

RAYANNE PORTUGAL

Ser ou não ser atriz, dúvida cruel. Camila Evangelista, 23 anos, optou pelo desafio de provar ao mundo — e a si mesma — que viver da arte é possível quando se tem um dom e uma paixão. Depois de anos de treinos, ensaios e horas a fio somadas de peças e atuações em curtas-metragens, a jovem comemora a montagem da nova temporada ao lado de um grupo de teatro brasiliense, a companhia dos Irmãos Guimarães, com quem contracenava desde 2009 em palcos daqui e de outros estados. Ela é a integrante mais nova do grupo, a única estudante. “Tive que provar meu valor, correr atrás, mostrar meu trabalho. É gratificante poder contribuir e ter alcançado o reconhecimento”, conta a jovem.

Determinada, Camila começou cedo a estudar teatro. Incentivada pela mãe, numa tentativa de diminuir a grande timidez da garota, ela fez sua matrícula para as oficinas de dramatização aos 11 anos, sem grandes

expectativas. “Começou como uma brincadeira e hoje não sei fugir dos palcos”, lembra. Foi amor à primeira vista. Durante todo o ensino fundamental e médio, o gosto pela atuação só cresceu. “Tive que dar uma pausa no último ano para me dedicar aos estudos e ao vestibular”. Foi então que um grande dilema surgiu. “Será que eu estou pronta para encarar o teatro também na universidade?”, lembra Camila.

Decidida a seguir com o teatro, ela apostou no curso superior de comunicação social da Universidade de Brasília (UnB), onde poderia explorar outros conhecimentos ligados ao cinema. “Para mim, foi uma boa alternativa. Afinal, eu já encenava havia 10 anos, já estava construindo meu caminho como atriz e poderia investir em uma carreira longe dos palcos também”, conta.

O amor pela arte fala mais alto aonde quer que se vá. Camila aprendeu isso na prática. “Desde então, venho estudando muito teatro, enquanto toco o ritmo normal da faculdade. Até o ano passado, eu estagiava e fazia alguns trabalhos como freelancer! Confesso

que não é fácil, mas é gratificante por outro lado”, conta. Quando conheceu os diretores e professores Fernando e Adriano Guimarães, em 2009, durante uma oficina promovida pelos dois, surgiu então uma nova oportunidade. “Participei de um trabalho breve, uma peça de formatura de uma turma da Faculdade de Teatro do Dulcina de Moraes. Estou com eles até hoje.”

No mês que vem, a nova peça do grupo estreia em São Paulo: *Resta pouco a dizer*. “Para mim, que pretendo seguir a vida acadêmica no futuro, tem sido uma oportunidade enriquecedora para estudar o teatro e os dramaturgos brasileiros mais a fundo. Os últimos meses têm sido dedicados à pesquisa. Depois, volto com tudo aos palcos”, avisa a atriz, que espera pelos aplausos brasilienses e paulistas. “Aprendi que vale a pena correr atrás de um sonho. O palco me levou a lutar por isso acima de tudo, mesmo com a descrença de muitos no valor das artes. Valeu a pena batalhar. Estou só no começo e louca por mais”, afirma a entusiasmada atriz.